

Não tive acesso visual aos cadáveres, que já tinham sido liberados para o sepultamento. Também a resposta que eu tive naquele dia foi com a doutora que expôs aqui que a causa morte era asfixia por questões de inalação de fumaça, com entupimento das vias aéreas e tudo. Que não havia sinais de queimadura assim como não havia sinal de trauma, porque como houve desabamento de uma parte do teto a minha preocupação era saber se houve algum trauma especificamente na cabeça, por causar desmaio. Essa informação foi passada que não, que, realmente, a causa da morte não tinha sinais dessas duas outras preocupações minhas, ou seja, queimadura e traumatismo, mas especificamente a questão era... A causa da morte era asfixia.

Bom, encerrado isso no sábado, no domingo seguinte, no dia 20, eu retornei ao local - mais uma vez, ressaltado aqui, contando com a colaboração do Corpo de Bombeiros, que disponibilizou geradores com iluminação e tudo -, nós conseguimos avançar além do terceiro andar. Conseguimos visualizar e permanecer no local por volta de umas cinco horas fazendo os exames periciais. O local de eleição, de acordo com os depoimentos que já tinham sido colhidos em sede policial, onde ele teria se iniciado, seria em um depósito de material descartável localizado no quarto andar; nesse local de eleição nós não conseguimos chegar porque houve o desabamento de uma parte do teto, e, com isso, nós não conseguimos passar. Então, nesse dia 20 nós conseguimos realizar a perícia até ali.

Depois disso, e para finalizar esse capítulo do inquérito policial em relação à perícia do local, foi conversado entre mim e a equipe do ICE sobre a necessidade efetiva de chegarmos até o ponto de eleição do início de incêndio. Foi entendido sobre a necessidade de que houvesse um escuramento do local, que fosse feito um escuramento, e, se fosse o caso, retirar-se-ia todo o entulho, levando-o para uma área livre para ser examinado; depois, houve a participação da pessoa jurídica da empresa Quatro por Quatro, eles contrataram uma empresa e houve esse escuramento. Parece-me que esse escuramento levou em torno de uma semana e, após a conclusão desse escuramento, a equipe do ICE retornou local para que fosse feita a perícia que nós entendíamos que seria necessária para se ter uma conclusão objetiva. Esse laudo ainda não foi entregue em minha mão, ainda não foi juntado ao inquérito policial, eles estão em fase de conclusão.

Concomitante a isso, excelência, o que foi feito? Nós ouvimos, na primeira semana, entre o dia 21, segunda-feira, e o restante dessa semana, todos os sete funcionários da Casa que estavam presentes no início do alarme do incêndio. Era gerente, era porteiro, era o responsável por serviços gerais, faxineiros, enfim, todos eles. Em síntese, porque também não me lembro tudo que foi dito por eles, mas a sra. Edna, a gerente - salvo engano, é Edna -, foi a primeira pessoa que teve o contato visual com esse foco de incêndio. Ela falou que se dirigiu ao quarto andar, que na verdade é quarto andar, mas tem uma subdivisão, que seria um sótão, que alguns falam que é o quinto andar. E nesse local tem uma parte do recinto que é destinada à guarda de material, segundo eles guardanapos, talheres plásticos, material de limpeza, alguns comestíveis, como azeite e vinagre. Então, era isso que se guardava ali naquele depósito. Esse depósito constitui um espaço de aproximadamente três ou quatro metros quadrados, tem dois pontos de eletricidade, onde tem duas lâmpadas e um interruptor lá dentro; não foi relatada presença de gás, presença de um material supostamente inflamável.

Continuando em relação ao depoimento dela, ela contou que se dirigiu a esse local com a finalidade de pegar o material, isso era por volta de onze horas, o estabelecimento iniciaria o seu expediente por volta das 13, 13h30; é o período que a equipe de manutenção de limpeza está dando como encerrada a limpeza e eles começam a fazer a distribuição do material que provavelmente vai ser usado no dia do expediente. Quando ela entrou, ela abriu a porta e, segundo ela, ela é a única pessoa que tem acesso a esse local, mais ninguém; só ela que tem a chave, só ela que tem acesso a esse local, mais ninguém, nenhum outro funcionário. Um exemplo que citaram: uma faxineira precisa de um detergente para usar na limpeza; existe uma pessoa encarregada de serviços gerais e essa funcionária passa a demanda para esse funcionário e este leva a demanda a essa gerente; e é ela que é encarregada de ir lá em cima pegar o material e fazer a distribuição. É só ela que tem acesso. Ela falou que abriu com a chave, estava fechado esse recinto, não estava aberto, ela abriu e, quando ela abriu a porta, ela se deparou com uma caixa de papelão que, segundo ela, presumiu ou tinha certeza de que ali eram guardados guardanapos; e ela viu saindo fumaça dessa caixa. Que imediatamente ela fechou a porta e ela - não vou ficar falando segundo ela sempre, né? -, em síntese, o depoimento dela, e ela foi casada ou tinha uma companhia de um senhor que foi bombeiro civil, então, ela tinha algumas informações básicas sobre controle de incêndio. Então, ela falou que imediatamente fechou essa porta, desceu e foi chamar o porteiro, que também possui cursos de combate a incêndio. Que esse profissional já subiu portando um extintor de incêndio, se dirigiu, abriu a porta e deu início ao combate efetivo desse incêndio. Daí em diante, segundo eles também, eles pensaram que estava sob controle, em razão de ter baixado a fumaça, eles não relataram terem visto as chamas e sim fumaça, uma fumaça numa cor esbranquiçada, não era uma fumaça de uma cor diferente e sim esbranquiçada, acinzentada. Que desceram. Segundo, não foram eles que acionaram o serviço 193, não acionaram o Corpo de Bombeiros, por quê? Porque, na concepção deles, a situação havia sido contida, estava sob controle.

Então, desceram lá para a portaria. O outro encarregado teve a missão de comunicar aos demais funcionários para que ficassem numa eventual evacuação do prédio e, logo em seguida, ela conta que foi surpreendida pela presença da chegada da equipe do Corpo de Bombeiros. Semelhante a esse depoimento, excelência, os outros também foram nesse mesmo rito. Foram sete funcionários que foram apresentados e se declararam presentes na hora do fato. Nós conseguimos também juntar algumas imagens dos prédios vizinhos: do Crea, do vizinho da Rua da Alfândega, acho que é da Petrobras. Ali a gente tem a noção exata dos horários, as pessoas evacuando o prédio pelo prédio localizado na Rua da Alfândega, a gente consegue ver a chegada do Corpo de Bombeiros pela Avenida Rio Branco, porque a câmera pega no sentido, assim, da Rua da Quitanda para a Rua Rio Branco. A gente consegue ver nas imagens que passam os carros de bombeiros e, com um pouquinho de atraso, não junto com o comboio, mas, logo atrás, o caminhão da escada magirus, até porque pelo tamanho, na Rua Rio Branco, fica mais difícil a mobilidade desse caminhão. Todos nós sabemos o tamanho daquele caminhão.

Então, isso fica muito visível. Aparece também, a gente consegue ver nessas cenas que um oficial, um militar do Corpo de Bombeiros vem procurando a caixa onde fica localizado o PC do gás, esse gás é desligado e, aparentemente, a situação sob controle.

Avançando um pouco, excelência, logo em seguida, na terça-feira, no domingo - sábado ou domingo - veio a confirmação do quarto óbito e foi perguntado pelo dr. deputado ali sobre a notícia de mais vítimas, além dos quatro óbitos. A única notícia que eu tenho é que o subtenente que comandava a operação, sr. Davi Montserrat, também ficou internado, em razão da inalação de fumaça. Ficou internado no Hospital Central dos Bombeiros por dois, três dias e logo assim que houve alta médica e foi liberado, ele compareceu na delegacia atendendo lá ao chamamento que nós fizemos e prestou as declarações dele em relação a isso aí. Nessa semana, acho que quarta-feira que ele esteve comigo lá, ainda bastante abalado em razão do episódio, como todos, ele prestou as declarações que eu entendo que me permitem, assim, as condições de saber, mais ou menos, a dinâmica do fato ali naquele dia.

(Pausa)

Com o comparecimento do subtenente Montserrat, eu procurei explorar desde o início do chamado como é que funciona o procedimento numa unidade militar ao receber um chamamento de socorro desse porte, enfim, todo o passo a passo do procedimento. O que foi apurado? O serviço é o 193, que é direcionado ao CICC - Centro Integrado de Comando e Controle - no Estado do Rio de Janeiro e, nesse momento, já há uma triagem, uma prévia entrevista com a pessoa que está noticiando, com a finalidade de designar o tipo de equipe, quantas equipes, nesse sentido. Em seguida, o cha-

mado é transferido para a unidade militar que atende a localização e, quando essa notícia chega ao quartel, eles já estão previamente sabendo qual o tipo, qual a magnitude, quais os equipamentos, a quantidade de pessoas que eles vão utilizar no atendimento desse chamado. Eu procurei buscar junto aos bombeiros a informação sobre como é feito desde o início do plantão. Eu visava entender como era feita a manutenção, a fiscalização dos equipamentos de proteção e o EPR - equipamento de proteção respiratória -, o oxigênio. Nas três ocasiões em que eu estive presente, ouvi conversas de vários militares falando sobre os equipamentos de respiração. Apurei que quando o bombeiro chega para assumir o serviço ele é o responsável por essa fiscalização, ou seja, ele pega o equipamento individual, confere, vê se está de acordo com as normas. Se não estiver, ele procura colocar de acordo com as normas. Estando de acordo, ele posiciona o equipamento na viatura para o pronto atendimento. Dali ele sabe que aquele equipamento vai ser usado durante aquele dia no plantão. O equipamento é individualizado.

Nesse dia eles foram para o local com cinco viaturas - um autorrápido, que vai o subtenente na frente para ver as circunstâncias; dois caminhões de autobomba, que carregam a água; uma ambulância e a escada magirus. Eles partiram com 16 integrantes. Chegando ao local, vestiram o equipamento obrigatório, cada um portando uma máscara, seu oxigênio, adentraram o local e foram recebidos pela responsável, sra. Edna. Uma breve entrevista visando saber o local do fato. Em seguida, eles procuram evacuar, tirar os civis do recinto. Os outros integrantes da equipe vão procurar estabelecer corte de energia elétrica, corte de gás, procurar saber nos prédios ao lado onde tem hidrante que possa ser usado em caso de necessidade. As tarefas são divididas dessa maneira.

Após essa entrevista, cinco militares se dirigiram para esse local que foi apontado como de início do incêndio. Foi o subtenente Montserrat, que era o comandante dessa operação. A patente, não me lembro, parece que era o sargento Geraldo, o sargento Pereira, outro militar Magalhães e outro subtenente Ferreira. Eram cinco. Eles foram até o andar apontado. A missão do subtenente foi a de estabelecer o que eles chamam de linha de combate, linha de incêndio, ou seja, por onde vão passar as mangueiras do carro-pipa. Eles procuram localizar os preventivos, aquelas caixas de incêndio. Um tem essa missão.

Eles começaram a combater não propriamente no foco do incêndio porque, na aproximação, tinha uma porta e eles fizeram o serviço de resfriar essa porta. Eles ficaram combatendo nessa porta, tentando resfriar o ambiente.

O subtenente estabeleceu qual seria o método do primeiro combate e, em seguida, saiu do recinto, desceu para a portaria com a finalidade de passar as primeiras informações para o controle central, através do rádio que eles possuem. A equipe possui um rádio transmissor e esse rádio que fala com duas pontes, com a equipe e com o centro de comando. Ele desceu, passando as informações iniciais, as análises que ele fez inicialmente e, na análise dele, o local, apresentaria o incêndio chamado classe A, ou seja, não era um incêndio de grandes proporções, que possui material inflamável. É um incêndio no local em que vai se encontrar madeira, plástico, esse tipo de material. E consegui estabelecer essa linha de combate ao incêndio através das mangueiras.

Ele subiu e desceu três vezes fazendo esse serviço e os outros lá em cima combatendo, resfriando essa porta. Na segunda descida, ele já encontrou dois bombeiros, o Clerton e o Pereira, que já estavam trocando equipamento de respiração. Esse equipamento tem uma capacidade variável de meia hora, variável de acordo com a respiração - uns respiram mais forte que outros, então, em média leva meia hora o consumo desse oxigênio. E possui uma válvula de segurança, através de um sinal sonoro ela avisa quando a capacidade está chegando ao final, em torno de uns cinco minutos que ainda sobram.

Nessa segunda descida, ele presenciou o bombeiro Clerton e o Pereira, que já estavam efetivando essa primeira troca. Eles conversaram, todos tinham essa noção de que era um incêndio de classe A, de gravidade, na óptica deles, não muito grande. Ele aproveitou e já trocou o equipamento dele de segurança. Estava ali estabelecendo a maneira de como prosseguir no combate ao incêndio, como chegariam lá, sobre a necessidade ou não de mais gente no local, quando o rádio de um desses bombeiros, me parece que foi o do subtenente Ferreira, eles ouviram o pedido de socorro do soldado, a patente eu não me lembro, do Geraldo, pedindo socorro que ele estava sem oxigênio e não estava conseguindo localizar a saída do prédio. Imediatamente, o subtenente Montserrat, na companhia do Pereira e do Clerton, assim como do Magalhães, adentraram o prédio para começar a procurar o bombeiro Geraldo. Procuraram, procuraram e o Subtenente Ferreira e o Montserrat encontraram o Geraldo desfalçado. Não souberam informar se nesse momento ele estava ou não usando a máscara, estava com equipamento, mas eles não souberam informar se a máscara estava ou não sendo usada naquele momento ali.

Então, eles desceram e tudo, tentaram trazer o bombeiro para o segundo andar, onde já estava sendo montado pela equipe médica uma espécie de posto de atendimento médico ali, e, para eles, estava tudo sob controle, apesar daquela baixa ali, não soube dizer se já estava em óbito ou não, fizeram manobra lá de primeiros atendimentos e tudo; e que não tinha notícias dos outros três desaparecidos, porque na consciência dele esses outros três estavam também procurando o bombeiro Geraldo. E aí o tempo foi passando, o tempo foi passando, não houve pedido, notícia de socorro dos outros três que estariam perdidos.

Então, depois que eles conseguiram efetivar ou concluir o atendimento desse primeiro bombeiro, do Geraldo, é que eles deram por falta, cadê os outros? Cadê os outros três? E chama pelo rádio e não tem resposta. Ai outras pessoas, outros bombeiros que estavam do lado de fora também entraram, veio mais uma equipe do quartel central, no qual ele era lotado, veio uma equipe também do quartel de Vila Isabel e todos adentraram no prédio na tentativa de localizar os outros três. E, posteriormente, foram encontrando: o segundo a ser encontrado foi o Clerton, já no terceiro andar, ou seja, um andar abaixo de onde eles ficaram inicialmente no combate lá, no resfriamento da porta; o terceiro foi o Magalhães e, por fim, o sargento Pereira. Todos eles com equipamento, sendo que dois foram encontrados com a máscara conectada ao rosto. E procederam ao socorro e tudo, conseguiram resgatar os quatro do local do incêndio e, posteriormente, voltaram para o combate. O subtenente, em razão disso, teve problemas de continuar na operação, foi orientado pelo pessoal que ele também procurasse atendimento médico porque o negócio ali já ia ficar por conta das equipes que estavam sucedendo ali no local.

Então, essa foi a dinâmica, até agora os outros depoimentos também são todos nesse sentido, excelência. Eu ouvi também... Além desses cinco - perdão, falei cinco, são seis que subiram; desses seis, quatro faleceram; desses seis, os sobreviventes são o subtenente Montserrat e o subtenente Ferreira.

Então, os outros, ouvi os demais integrantes da equipe, mas todos eles também, assim: ah, a minha missão nessa operação foi procurar o hidrante. A minha missão foi operar máquina. Eles não tiveram acesso propriamente dito ao recinto. As seis pessoas que tiveram acesso ao recinto foram essas que eu citei aqui: as quatro vítimas e esses dois subtenentes.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Doutor, só para tirar uma dúvida, o primeiro que veio a dar baixa, foi, nós não sabemos qual é a graduação dele, foi o sr. Geraldo.

O SR. JOSÉ DUARTE - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O sr. Geraldo, no qual o subtenente Davi Montserrat foi o que resgatou.

O SR. JOSÉ DUARTE - Sim. Na companhia do subtenente Ferreira.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Do subtenente Ferreira.

Pois não.

(Fala fora do microfone)

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Sargento Geraldo...

O SR. (?) - Sargento Geraldo, que foi um dos falecidos e (não compreendido) Montserrat, capitão.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Ok.

E o senhor tem alguma informação, assim, provavelmente, esses outros três que vieram a óbito, mas naquele momento estavam procurando o sargento Geraldo e não tinham a informação que ele já tinha sido resgatado ou não existe essa informação?

O SR. JOSÉ DUARTE - Ele me explicou que, quando o capitão, quando o Montserrat desceu para passar as informações iniciais para o comando, já encontrou o Clerton e o Pereira lá embaixo trocando equipamento. E logo depois desceu o subtenente Ferreira. O subtenente... O senhor me permite uma ressalva agora?

O SR. O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

O SR. JOSÉ DUARTE - Os depoimentos são todos nesse sentido, mas o subtenente Ferreira me disse que, quando chegaram os seis lá em cima, desceram os dois. Subiram cinco - o Magalhães só entrou para prestar o resgate -, desceram os dois, o Pereira e o Clerton, desceu o Montserrat, e ele ficou com o Geraldo. Quando o alarme dele tocou, avisando sobre a proximidade da extinção, que ele tocou no ombro do Geraldo e falou: Geraldo, vamos descer. O meu oxigênio está acabando. E que o Geraldo falou: vai você primeiro, que eu estou tranquilo. Quando você voltar, eu desço.

Então, o subtenente Ferreira desceu e foi de encontro ao capitão Montserrat. E instantes depois já houve o pedido de socorro do Geraldo. Ai, nesse momento, o Clerton e o Pereira já haviam realizado a primeira troca do equipamento respiratório; o capitão também efetivou a sua troca; e o Magalhães, pela primeira vez adentrou no recinto. Esses dois já foram com essa missão agora de tentar localizar o Geraldo. Com a localização do Geraldo, eu não sei informar aqui se houve comunicação, se houve um aviso para os demais da equipe, que já tinha sido encontrado o Geraldo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O doutor tem alguma informação de que esses equipamentos possam ter vindo a falhar, seja no aviso sonoro, seja na falsa condição que o mesmo apresentava, de estar completo com oxigênio? Qual a informação que o senhor tem com relação aos equipamentos utilizados ali na prevenção pessoal dos agentes?

O SR. JOSÉ DUARTE - Quando eu comecei a interrogar o capitão Montserrat, procurei buscar o passo a passo desde a chegada do pedido de socorro na unidade para tentar entender essa dinâmica. Como expus aqui, cada bombeiro é responsável pela fiscalização e manutenção do seu equipamento. Então, a equipe de ontem passou o plantão hoje, quem está assumindo tem essa incumbência de olhar: eu vou usar esse equipamento aqui, individual, a máscara, o oxigênio, a roupa de aproximação, então, eles próprios que conferem. Caso seja detectada alguma inconsistência junto às normas que regem o caso, eles são responsáveis de levar a quem de direito também para tentar sanar essa dificuldade.

Lá no local, as pessoas que foram ouvidas, ninguém fala sobre algum tipo de problema em equipamento. Os dois primeiros, o Clerton e o Pereira, já haviam feito. Então, eles entraram com o equipamento, desceram e trocaram, quando entraram de novo. O capitão, ele efetivou três ou quatro trocas até o término da ocorrência. Não há nenhuma declaração no sentido de uma suposta falha.

Bom, avançando um pouco além do que o senhor me perguntou, eu fiz um ofício à Secretaria da Defesa Civil também, solicitando que fossem apresentados em sede policial, objetivando o exame pericial, todos os equipamentos que foram utilizados especificamente por essa primeira equipe que entrou no local, para termos uma resposta objetiva e conclusiva acerca dos equipamentos. Mas a secretaria me respondeu que, em razão do rodízio que é efetivado, eles vão com aquele equipamento e, logo em seguida, vai um caminhão com suprimento para ir trocando. Então, naquele momento, eles não tinham condições de individualizar qual equipamento foi usado por quem. Em razão disso e também em razão do uso contínuo, por exemplo, se eu tiro o material hoje da unidade militar, praticamente aquela unidade vai ficar defasada para atendimento, então, em razão disso, também não houve o exame que eu pretendia fazer, que era o exame pericial nos equipamentos.

Mas voltando especificamente à sua questão, à sua pergunta, não houve nenhuma declaração dos bombeiros que foram ouvidos relatando algum tipo de falha nos equipamentos.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Existe a possibilidade desse incêndio não ter ocorrido nesse local que seria uma espécie de depósito e ter ocorrido, por exemplo, no local abaixo dele e a fumaça que estaria passando para a parte superior, porque pelo que o senhor falou é como se fosse uma espécie de sótão, é isso?

O SR. JOSÉ DUARTE - É o mezanino que eles falam.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mezanino?

O SR. JOSÉ DUARTE - Mezanino, é.

Excelência, baseado na informação do perito, eu respondo que não tem condições. Por quê? Porque no sábado, quando eu estive lá no local, no local do desabamento, o perito me informou, ele falou: está vendo aqui, doutor? Incêndio é por gravidade, ou seja, começou lá em cima e veio se propagando - que eles chamam, o linguajar técnico, por gravidade - nos andares inferiores, tanto no primeiro, no segundo, não há sinais de chama, de fuligem. Só no terceiro em diante. Agora, nós não... Só depois de escuramento. Também nem sei se conseguiram chegar lá definitivamente. Mas até os três dias que eu fui lá no local, por não conseguir chegar efetivamente na área de eleição, não tenho essa resposta ainda por razão da ausência do laudo, mas lá, volto a reiterar, no local lá, o perito me explicou, foi incêndio causado por gravidade, começou lá em cima e veio se propagando para os andares inferiores.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Existe alguma possibilidade dentro da investigação presidida pelo senhor que esse incêndio possa ter sido criminal? Criminoso, perdão.

O SR. JOSÉ DUARTE - Até agora não tem nenhum indicativo nesse sentido, não tem nenhum indicativo nesse sentido. Mas, em razão da falta de uma resposta objetiva, nada descartado. Mas o que foi visto lá, o que foi apurado lá, não temos nenhum indício que possa levar para essa linha de investigação, embora não esteja descartada.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deputado Rodrigo Amorim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Doutor, primeiro quero parabenizar o trabalho zeloso de v. exa. e de fato é muito gratificante para nós receber, como é constante e acontecer aqui nesta Casa, a autoridade policial, um delegado de polícia. O senhor é titular da 1ª Delegacia?

O SR. JOSÉ DUARTE - Sim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Que efetivamente tem desempenhado o seu papel, de fato botando a mão na massa, como se diz no popular.

Então, a forma pela qual o senhor apresenta os dados do inquérito policial, de forma objetiva, clara, demonstra que efetivamente o senhor atuou - e com bastante zelo e comprometimento -, então, mereço o nosso reconhecimento, nossos parabéns. Conte sempre com esta Casa.

O SR. JOSÉ DUARTE - Obrigado.

O SR. RODRIGO AMORIM - O senhor, relatando os acontecimentos, está muito claro, diz que todos os bombeiros que vieram a óbito foram encontrados com o equipamento, mas não necessariamente com a máscara, somente alguns deles com a máscara propriamente dita. Algum deles estava com a corda de segurança, estava amarrado a uma corda de segurança?

O SR. JOSÉ DUARTE - Não há relato nesse sentido. Embora já tinham passado, eles chamam, eu não sei se é a mesma coisa, eles falam que já tinham traçado a linha de combate. Essa linha de combate, eu procurei detalhar, é a mangueira do caminhão, do ABS, para esse que eles chamam caixa de prevenção, para dar pressurização na mangueira e iniciar, então, que eles também utilizam isso como uma guia. Agora não sei se é exatamente essa guia que o senhor está se referindo. Eu só tenho conhecimento dessa linha de combate deles.

O SR. RODRIGO AMORIM - Está claro, me parece, em sede de inquérito policial, que os bombeiros combatentes se perderam dentro da edificação. É isso?